

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ – SEED
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA - UEPG**

NILCE MARTINS MIKA

**A AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL COMO INSTRUMENTO DE
MELHORIA DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**



CADERNO PEDAGÓGICO

**PONTA GROSSA
2008**

**A AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL COMO INSTRUMENTO DE
MELHORIA DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**

Área de concentração: Pedagogia

Autora: Nilce Martins Mika

Orientadora: Prof.^a Ms. Maria José Bastos Martins
Secretaria de Estado de Educação do Paraná – SEED
Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG
Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE

**PONTA GROSSA
2008**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
TEMA 1: A NECESSÁRIA REFLEXÃO SOBRE A AVALIAÇÃO.....	11
1.1 EVOLUÇÃO DOS CONCEITOS E DAS PRÁTICAS AVALIATIVAS.....	12
1.2 PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO.....	16
1.3 TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E AVALIAÇÃO.....	17
1.4 PRINCÍPIOS QUE ORIENTAM A QUALIDADE DA AVALIAÇÃO.....	22
1.5 AVALIAÇÃO: TIPOS E FUNÇÕES.....	25
TEMA 2: UM NOVO OLHAR SOBRE A AVALIAÇÃO EDUCACIONAL ...	38
2.1 A AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL E SEUS INDICADORES.....	46
2.2 INDICADORES DA QUALIDADE NA EDUCAÇÃO.....	50
TEMA 3: A AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL COMO INSTRUMENTO DE MELHORIA DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM.....	69
3.1. REPENSAR A AVALIAÇÃO DA AÇÃO DOCENTE E DA AÇÃO DISCENTE.....	72
3.2 INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE AVALIAÇÃO: TESTE, PROVA, ENTREVISTA, RELATÓRIO, QUESTIONÁRIO, PORTFÓLIO, CASOS DE ENSINO.....	80
3.3 CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO: ESTUDO DE CASO.....	85

**A Avaliação Institucional
como Instrumento de
Melhoria do Processo Ensino-
Aprendizagem**

Tema 1

**A Necessária
Reflexão sobre a
Avaliação**

Tema 3

**A Avaliação
Institucional como
Instrumento de
Melhoria da
Prática
Pedagógica
Docente**

Tema 2

**Um novo olhar sobre
a Avaliação**

Apresentação

A construção deste Material Didático na forma de Caderno Pedagógico, faz parte do Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE , instituído pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná(SEED), com o apoio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior(SETI), como uma política inovadora de Formação Continuada das professoras e dos professores da rede pública estadual.

A participação do professor neste programa se constituem de atividades e tarefas que devem ser cumpridas sob a orientação e acompanhamento do professor Orientador das IES (Instituição de Ensino Superior), como a elaboração do plano ou proposta de estudo, construção da proposta de intervenção na escola, onde será elaborado materiais didático-pedagógicos e/ou outra modalidade pedagógica, dirigir e acompanhar um grupo trabalho em rede(via internet – Programa Moodle), além de cursos e outros eventos promovidos pela SEED e Universidades parceiras.

O referido programa de formação continuada proporciona aos professores da rede pública estadual subsídios teóricos-práticos para o desenvolvimento de ações educacionais sistematizadas, que possam ser avaliadas em seu processo e em seu produto e que resultem em redimensionamento da prática educativa.

A temática deste trabalho é a Avaliação Institucional, com o título: A Avaliação Institucional como Instrumento de Melhoria no Processo Ensino-Aprendizagem. O estudo contempla também a avaliação institucional, implantada pela SEED, em dezembro de 2005, como Processo de Auto-Avaliação Institucional, realizada em todas as instituições públicas estaduais.

Julgamos importante compreender e analisar, os resultados obtidos na avaliação institucional e a sua necessária articulação com as práticas desenvolvidas no interior da escola, buscando oferecer um ensino de qualidade , significativo, pautado em valores éticos, políticos e sociais, respeitando-se a diversidade, demonstrando assim, compromisso no encaminhamento e na efetivação de ações direcionadas ao sucesso do aluno.

O Caderno Pedagógico foi construído a partir da compilação de textos de diversos autores de renome na temática abordada. Os textos constituíram-se como apoio na elaboração dos questionamentos, fundamentando teoricamente as análises propostas e a articulação teórico-prática e a prática avaliativa vivenciada no contexto escolar, também de referencial teórico significativo na elucidação dos conceitos e aprofundamento da temática, bem como na construção das atividades propostas.

Portanto, que as leituras e atividades apresentadas para discussão e debate, sirvam de subsídios para novos encaminhamentos, resultando em práticas avaliativas que levem à melhoria do processo ensino-aprendizagem e conseqüentemente ao avanço e sucesso do aluno .

A avaliação é uma ferramenta da qual o ser humano não se livra. Ela faz parte do modo de agir e, por isso, é necessário que seja usada da melhor maneira possível.

(LUCKESI, 2005, p.119)

Entendendo a avaliação a partir desta citação, iniciamos a reflexão sobre a sua prática na instituição escolar. Compreendemos que ela é fundamental para o processo ensino-aprendizagem, sendo concebida como um segmento da proposta pedagógica que subsidia a construção do conhecimento, acompanha a ação pedagógica, norteia o planejamento, indicando caminhos de sucesso e superação de dificuldades no ensino e na aprendizagem.

Com o estudo do tema, visamos: analisar e refletir sobre concepções e práticas avaliativas atuais, ampliando e enriquecendo conhecimentos, enfatizando a articulação entre a avaliação escolar e institucional, para melhoria do processo ensino-aprendizagem.

Após o estudo de cada tema o cursista, irá refletir, trocar idéias com colegas, discutir e debater a temática, registrando seus comentários, almejando que sirvam de novas setas, indicando caminhos que possam ser percorridos, desde que se ouse enfrentá-los.

Tema 1, iniciamos com uma reflexão acerca da avaliação, distinguindo-a da praticada em sala de aula e a realizada a nível de instituição. Para isso, recorreremos ao processo evolutivo dos conceitos e das práticas avaliativas, situando-a em diferentes momentos. Ressaltamos a importância do planejamento na avaliação, resultando

em uma prática avaliativa mais eficiente e de melhor qualidade. Apresentamos ainda, as tendências conservadora e transformadora e as funções da avaliação.

Tema -2, apresentamos os indicadores de qualidade que favorecem a reflexão sobre a prática avaliativa vivenciada por professores, alunos, direção, equipe pedagógica, pais, comunidade, instâncias colegiadas, considerando o espaço e a estrutura existente, o trabalho realizado, visando o progresso do aluno, a forma de acompanhamento e os resultados obtidos.

No **tema 3,** indicamos a utilização e a construção de diferentes técnicas e instrumentos avaliativos como o objetivo de tornar a aprendizagem mais significativa, configurando-se assim, em melhores resultados no desempenho docente e discente.

A reflexão sobre a prática escolar cotidiana, deve servir para subsidiar novos encaminhamentos, situando a avaliação institucional já realizada nas escolas públicas, retomando-a em seus aspectos fragilizados, discutindo no coletivo, propostas que levem a superá-los, pois, entendemos que a avaliação institucional não deve servir somente para quantificar dados e diagnosticar a realidade escolar, mas, a partir deles, buscar a melhoria do processo ensino-aprendizagem, dentro de uma perspectiva transformadora.

O desafio da escola está em efetivar a necessária articulação da avaliação institucional com a avaliação realizada em sala de aula, de forma que uma não se sobreponha a outra, mas, que juntas apontem novos rumos, constituindo-se em avanço e progresso do aluno no seu processo de aprendizagem.

Temas :**Tema 1: A necessária reflexão sobre a avaliação**

- 1.1 Evolução dos conceitos e das práticas avaliativas
- 1.2 Planejamento e avaliação
- 1.3 Tendências pedagógicas e avaliação
- 1.4 Princípios que orientam qualidade da avaliação
- 1.5 Avaliação: tipos e funções

Objetivos:

- Refletir sobre a avaliação e seus conceitos, reconhecendo-a como parte integrante do processo ensino-aprendizagem, integrada á outras estratégias de ensino;
- Repensar sobre os atuais paradigmas que norteiam a prática avaliativa em sala de aula e a instituição escolar;
- Analisar diferentes tendências pedagógicas e sua articulação com a proposta pedagógica da escola;
- Identificar os princípios, tipos e funções da avaliação e suas aplicações ao longo da ação educativa;

Tema 2: Um novo olhar sobre a avaliação institucional

- 2.1 A avaliação institucional e seus indicadores
- 2.2 Indicadores da qualidade na educação

Objetivos:

- Reconhecer aspectos importantes que constituem o planejamento da avaliação institucional;
- Considerar os indicadores de qualidade como elementos necessários à análise e parâmetro na avaliação institucional .

Tema 3: A avaliação institucional como instrumento de melhoria da prática pedagógica docente

- 3.1 Repensar a avaliação da ação docente e da ação discente
- 3.2 Instrumentos e técnicas de avaliação: teste, provas, entrevistas, relatórios, questionários, portfólio, casos de ensino
- 3.3 Construção de instrumento de avaliação: estudo de caso

Objetivos:

- Analisar limites e possibilidades da instituição escolar, objetivando superar fragilidades, ressaltando práticas avaliativas significativas;
- Refletir sobre a avaliação docente e discente, visando melhoria do trabalho pedagógico e do processo ensino–aprendizagem;
- Estabelecer critérios avaliativos articulados à proposta pedagógica da escola;
- Identificar as etapas necessárias ao planejamento da avaliação: objeto a ser avaliado, as técnicas a serem utilizadas, os instrumentos para medir e avaliar e os critérios estabelecidos.

Tema: 1**A necessária reflexão sobre a avaliação**

Uma avaliação reflexiva auxilia a transformação da realidade avaliada.

(HOFFMANN, 2006, p.10)

A citação acima inicia a reflexão acerca da Avaliação como Instrumento de Melhoria do Processo Ensino-Aprendizagem, apontando o quanto a avaliação é um assunto complexo e conflituoso.

Entendemos que a avaliação é fundamental no nosso cotidiano, pois, avaliamos tudo e a todos ao nosso redor, emitindo sempre pareceres favoráveis e muitas vezes desfavoráveis. Assim, também em relação à escola, onde a avaliação é compreendida como parte da construção do conhecimento, acompanha o trabalho pedagógico, permitindo intervenções e apoios necessários que redirecionam o trabalho desenvolvido, bem como, a elaboração do planejamento e novas estratégias para melhoria da aprendizagem.

Para tanto, precisamos conhecer o nosso aluno, sua história de vida, suas facilidades e dificuldades, encaminhando novas metodologias para que ele atinja o sucesso esperado, transformando a realidade onde vive.

Também em relação à avaliação institucional, precisamos conhecer melhor seu processo, a sua história, pois é muito recente, gera polêmicas e controvérsias, envolvendo todos que fazem parte da instituição escolar e comunidade ao seu entorno.

Fazemos referência em especial ao Estado do Paraná, onde a Secretaria Estadual de Educação implantou a Auto-Avaliação Institucional

de 2004 a 2006, com um Programa considerado modelo de avaliação nas escolas.

Considerando-se uma concepção focalizada na formação humana, onde o conhecimento historicamente elaborado é mediado pela construção e reconstrução do ser cidadão, é que se lança esta provocação de avaliar sistematicamente a escola com vistas a uma transformação crítica, abrangendo e articulando ações conjuntas de forma responsável, visando atingir melhor qualidade e efetividade no processo ensino-aprendizagem.

1.1 Evolução dos conceitos e das práticas avaliativas:

A avaliação vem se constituindo historicamente, por meio das grandes mudanças sociais que reivindicam em cada momento novas práticas, novas metodologias e posturas diferentes no cotidiano escolar. Mas, desde os primórdios, carrega um certo sentido de seleção e controle, resquícios ainda vistos atualmente.

Segundo Brandalise(2007), o conceito e as práticas avaliativas evoluem seguindo momentos chamados de “quatro gerações de avaliação”.

O primeiro momento, designado de primeira geração, destaca-se pela preocupação em mensurar, medir e avaliar, focalizando-se na construção de instrumentos e testes utilizados para verificar o rendimento do aluno. O crescimento do aluno era determinado através dos exames e testes que classificavam, selecionavam e certificavam conforme os resultados obtidos. O avaliador exercia o papel de técnico nesta geração(década de vinte e trinta do séc. XX).

No segundo momento, chamado segunda geração, os objetivos passam a fazer parte da avaliação, tornando-se seu foco principal, sendo a medida utilizada como um de seus instrumentos apenas. A partir deste momento, a avaliação assume uma função descritiva, onde o avaliador, passa a descrever critérios e padrões estabelecidos através dos objetivos. Por volta dos anos quarenta/cinquenta, Ralph Tyler, considerado o "pai da avaliação", expressa o nome "avaliação educacional", resultando na geração chamada descritiva.

Nesta geração, o processo de avaliação é fundamental para se saber o quanto os objetivos são alcançados realmente, devendo ser um processo contínuo, aperfeiçoando as ações tomadas.

Na terceira geração, (décadas de sessenta e oitenta), a avaliação constitui-se em emitir juízo de valor, sobre o objeto avaliado. Considerava-se que os resultados obtidos sem previsão e de forma secundária, eram mais importantes que os previstos. Nesta geração, o avaliador assumia a função de juiz, fazendo o julgamento dos resultados obtidos, através das tarefas que descrevia e os juízos de valor que formulava.

Alguns autores rejeitaram esse tipo de avaliação, mas, o julgamento, constituiu-se em peça fundamental no ato avaliativo. Além da medida e da descrição, seria necessário emitir julgamentos acerca do objeto avaliado, bem como dos objetivos estabelecidos.

Iniciando na década de oitenta, a quarta geração, apresenta uma nova visão de avaliação, objetivando negociar com avaliadores e avaliados a prática avaliativa, constituindo-se de um processo dialético, de interação contínua, de

análise crítica e re-análise, articulando teoria e prática através do processo de co-autoria dos avaliados.

É característica desta geração o processo que consiste na construção da realidade, onde as situações tenham sentido, sofrendo influência do meio externo e internos ao ato avaliativo, bem como de seus valores.

Fica claro, que a evolução dos conceitos e das práticas avaliativas, apresentadas dentro destas quatro gerações, ainda são percebidas no nosso contexto escolar, coexistindo em muitas práticas docentes.

E apesar de ser caracterizada nesta geração como processo de construção e reconstrução, a avaliação nunca está pronta e acabada, pois, por tratar-se de processo, está sempre em movimento, contínuo, dinâmico, sofrendo alterações no decorrer desse processo, estando voltada ao contexto que faz parte, dependendo da interação avaliador e avaliado, mediados pelo meio social, cultural e econômico vigente.

1.2 Planejamento e avaliação :

A avaliação faz parte do planejamento educacional, assim como, o planejamento educacional faz parte da avaliação, mantendo entre si, uma relação dialética. Ressaltamos que ambos devem estar relacionados ao Projeto Político- Pedagógico, da escola, que seguindo os princípios filosóficos da educação nacional, tem como pressuposto básico atender aos objetivos da comunidade escolar e da sociedade . Assim como, os objetivos, os conteúdos, a metodologia e o modelo de avaliação contidos no plano da escola, em cada disciplina e nas atividades desenvolvidas, estão atreladas ao projeto educativo da escola.

Luckesi (1995, p.118), coloca que

Enquanto o planejamento é o ato pelo qual decidimos o que construir, a avaliação é o ato crítico que nos subsidia na verificação de como estamos construindo o nosso projeto. A avaliação atravessa o ato de planejar e de executar, por isso, contribui em todo o percurso da ação planejada. A avaliação se faz presente não só na identificação da perspectiva político-social, como também na seleção de meios alternativos e na execução do projeto, tendo em vista a sua construção. Ou seja, a avaliação, como crítica de percurso, é uma ferramenta necessária ao ser humano no processo de construção dos resultados que planejou produzir, assim como o é no redimensionamento da direção da ação.

A prática avaliativa deve estar contemplada no projeto político-pedagógico, atendendo aos objetivos explicitados, bem como, seus princípios, direcionados às necessidades e interesses de cada realidade.

1.3 Tendências pedagógicas e avaliação

As tendências pedagógicas, acompanham o crescimento e desenvolvimento educacional, surgindo em momentos de grandes discussões e conflitos, servindo de referência a outros modelos já conhecidos, mas, que muitas vezes, já não atendem às exigências do contexto atual, reiniciando uma nova era histórica, que satisfaça os clamores da sociedade e dos alunos em formação.

Vamos apresentar aqui em linhas gerais duas tendências denominadas de conservadora e transformadora, com abordagens pedagógicas contrárias.

Nas tendências conservadoras, a avaliação tem um papel autoritário, enquanto que nas tendências transformadoras assumem um caráter emancipador e democrático.

Tendência Conservadora

Esse modelo conservador pedagógico, é conhecido desde a época de Tyler, situando-se entre as concepções chamadas acrílicas, tradicionais e academicistas. Denominada por Macdonald (1977) de *modelo de controle*, devido a forma utilizada para controlar os alunos, condicionando-os e doutrinando-os, levando-os a objetivos que não escolheram, por meios sobre os quais quase não têm influência.

Esse tipo de educação tem como centro a pessoa do professor e a transmissão de conhecimentos, dentro de um processo autoritário, chamado de “educação bancária” por Freire (1981), onde o aluno:” adquire”(aprende) conhecimentos “depositados” (transmitidos) pelo professor. Seu objetivo é manter/conservar os valores das classes dominantes.

Nessa educação conservadora, os programas ou aprendizagens são avaliados conforme os objetivos pré-determinados pelo professor, a possibilidade da influência de fatores aleatórios, é pouco ou raramente considerada. Com isso, , se supõe que o aluno seguindo em ritmo próprio, através de meios adequados, conseguirá atingir os objetivos.

O caráter da avaliação nessa concepção é de “ medida” consistindo essencialmente em aferir e constatar a quantidade de conteúdo ensinado/depositado, apreendido/adquirido pelo aluno. Predominando a classificação, seleção e o aspecto burocrático.

Tendência Transformadora

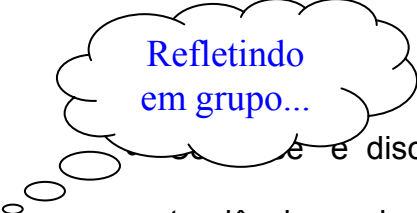
A educação nessa perspectiva transformadora, juntamente com outras, críticas e progressistas volta-se para o despertar de uma consciência crítica, buscando a emancipação e auto-educação. A relação professor/aluno, caracteriza-se pelo diálogo, troca, forma democrática, relações recíprocas.

Nesta tendência, a avaliação assume um caráter reflexivo, democrático, participativo, investigativo, abrangendo toda ação pedagógica: professor, ambiente, métodos, aluno e aprendizagem.

A relevância do aspecto qualitativo predomina sobre o quantitativo, sem excluí-lo, havendo a preocupação em constatar a qualidade do ensino e aprendizagem, uma vez que avaliar é “atribuir valor”. A aprendizagem é avaliada de forma diagnóstica, formativa, acompanhando o aluno, levando-o a conhecer, aprender, analisar e buscar superar suas dificuldades e seus erros. Neste sentido, os programas são avaliados de acordo com os resultados apresentados, servindo de suporte para melhoria da qualidade do processo ensino e aprendizagem.

Torna a avaliação uma ação reflexiva, investigativa e dinâmica, almejando a transformação da prática pedagógica e progresso dos alunos. Essa tendência é descrita por Hoffmann (1995, p.18) assim:

A avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação, essa que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade e acompanhamento, passo a passo, do educando, na sua trajetória de construção do conhecimento. Um processo interativo, através do qual educandos e educadores aprendem sobre si mesmos e sobre a realidade escolar no ato próprio da avaliação.



Refletindo
em grupo...

... e discuta com seus colegas sobre os fundamentos das tendências pedagógicas e sua influências no processo avaliativo escolar.

- Faça uma análise da sua própria ação avaliativa considerando estes dois modelos apresentados: conservador e transformador. Onde você se situa? Justifique...
- Repense sobre a importância de manter ou alterar a sua prática avaliativa na sala de aula. E de que forma? Justifique...

1.4. Princípios que orientam a qualidade da avaliação

Autoridades americanas especializadas em avaliação, formaram um grupo no início da década de 80, para discutirem aspectos que poderiam indicar a qualidade da avaliação, (chamado de *Joint Committe*, citado por Penna Firme, 1988).

Como considerar uma avaliação de boa qualidade?

Com base nessas discussões, foram elencados quatro categorias de critérios: utilidade, viabilidade, justiça e exatidão, onde cada uma abrangia ainda outros critérios mais específicos.

Utilidade: caráter prático da avaliação.

Viabilidade: a prática de avaliação deve ser de fácil acesso, considerando os recursos necessários à sua efetivação.

Justiça: devem ser levados em conta os aspectos morais, éticos e legais, de modo que os envolvidos não sejam prejudicados tanto pelos resultados como pelos procedimentos desenvolvidos. Segundo Penna Firme (1988, p.157) :

Isto implica no uso de responsabilidades, no respeito a conflitos de interesses, na fraqueza de comunicação dos dados, na garantia do direito público do conhecimento de procedimentos e resultados de avaliações sempre que sejam respeitados a proteção pública e o direito à privacidade, no respeito aos direitos humanos e às interações entre indivíduos e grupos, no equilíbrio de informe quanto a seus aspectos positivos e negativos, referentes ao objeto da avaliação, de tal modo que sucessos possam ser estimulados e áreas problemáticas atendidas, na adequação da alocação de recursos.

Reflexão: a avaliação deve constituir-se como ato reflexivo e investigativo.

Cooperação: a ação avaliativa envolve o coletivo, de forma direta ou indireta, requisita a participação dos envolvidos.

Integração: faz parte do processo educativo, integra toda a ação pedagógica.

Versatilidade: a avaliação deve ser flexível, utilizada de diferentes formas e situações, baseando-se em várias aferições, bem como, em dados diversos.

Continuidade: o acompanhamento da ação avaliativa se dá em todo o processo ensino-aprendizagem, de modo contínuo, identificando em que etapa se encontra o ato educativo.

Abrangência: A ação avaliativa alcança e envolve todos os elementos do processo educativo, desde a prática do professor e seu compromisso com o aluno e sua aprendizagem até o ambiente, recursos e metodologia.

1.5 Avaliação: tipos e funções

Os autores americanos: Bloom(1971), Hastings(1971) e Madaus (1971), apresentaram no início da década de 70, três tipos de avaliação da aprendizagem: diagnóstica, formativa e somativa (de sumário, resumo). Os tipos formativa e somativa, descritas por Scriven (1968), foram amplamente assumidas pelos professores. A diferença entre elas se caracteriza pela função que realizam e pela forma como são desenvolvidas.

Bloom, Hastings e Madaus, consideram a avaliação como uma

coleta sistemática de evidências por meio das quais se determinam as mudanças que ocorrem nos alunos e em que medida elas ocorrem. Inclui uma grande variedade de evidências que vão além do tradicional exame final de lápis e papel. É um sistema de controle de qualidade pelo qual pode ser determinada em cada etapa do processo e, em caso negativo, que mudanças precisam ser feitas para assegurar sua efetividade antes que seja tarde. (BLOOM,HASTINGS,MADAUS, Apud ALMEIDA, 1997:42).

Neste enunciado, transparece que o foco principal da avaliação é a aprendizagem dos alunos, destinando à avaliação, uma ação executora, que se desenvolve e acompanha o processo ensino-aprendizagem, tornando-se eixo principal desse processo. Revelando-se uma avaliação somativa, e formativa, uma vez que, realiza um exame da qualidade dessa ação educativa, conforme seu avanço.

A seguir, abordaremos os tipos de avaliação, e seus autores:

1.5.1 Avaliação Diagnóstica

Para Luckesi (2005, P.33), a avaliação é "um julgamento de valor sobre manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão". Em seus trabalhos, delata veemente a função exercida pela avaliação de classificar e não de diagnosticar, como propõe.

Na função diagnóstica, a avaliação **constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação, do crescimento para a autonomia**(Luckesi,2005, p.35). Através da avaliação diagnóstica, novos caminhos serão reconhecidos e trilhados, permitindo avanço significativo do aluno.

1.5.2 Avaliação Formativa

Este tipo de avaliação tem o objetivo de verificar o nível de aprendizagem atingido pelo aluno e aquilo que não conseguiu assimilar, segundo Bloom (1971, p.61), que escolhem chamar de "observações formativas".

1.5.3 Avaliação Somativa

Scriven (1967), nominou este tipo de avaliação de "sumativa", devendo representar o "sumário" (e não a "soma"), o resumo, a síntese das diversas atividades avaliativas realizadas no decorrer do processo educativo. O termo "somativa" é utilizada por ser a forma propagada entre os autores brasileiros.

Essa avaliação visa medir e avaliar os objetivos atingidos pelo aluno, compreendendo o processo em sua fase final (resultado).

11.5.4 Avaliação Mediadora

Tipo de avaliação proposta por Hoffmann (1994), em que também preocupada com os rumos da educação, aponta para novos caminhos que podem ser tomadas na ação educativa, visando eliminar a prática classificatória da avaliação, usada como um instrumento que seleciona e classifica, mantendo uma escola que serve a poucos e não a todos os alunos como deveria. Para ela, a avaliação mediadora

... desenvolve-se em benefício do educando e dá-se fundamentalmente pela proximidade entre quem educa e quem é educado... Pela curiosidade de conhecer a quem educa e conhecendo, a descoberta de si próprio. Conhecimento das possibilidades dos educandos de contínuo vir a ser, desde que lhes sejam oferecidas oportunidades de viver muitas e desafiadoras situações de vida, desde que se confie neles durante os desafios que lhes oportunizamos. Posturas de avaliação? Posturas de vida! (HOFMANN, 1994, p.191).

Dentro dessa perspectiva, a avaliação mediadora, procura conhecer o aluno e seu processo educativo, não somente pra compreendê-lo, mas para que possa oferecer ações a seu favor. Ações que permitam desencadeamento de situações – problemas, oportunizando ao aluno, participação mais ativa do processo educativo, discutindo e trocando idéias com colegas, buscando argumentos que convençam, levando-o a vários rumos até chegar á solução das propostas.

É importante o acompanhamento individual do aluno, observando-o em todos os momentos, investigando na sua caminhada os avanços e dificuldades, valorizando e respeitando suas idéias e opiniões a cada tarefa executada, tornando-o mais confiante, disposto a enfrentar os obstáculos, superando seus limites.

1.5.2.1 Funções da avaliação

A avaliação escolar em suas várias formas, assume diferentes funções, revestindo-se de caráter ora transformador (diagnóstica, formativa), conforme os autores Luckesi(2005), Vasconcellos(2005), Hoffmann(1995/1981), entre outros, ora conservador e reprodutivista(tradicional), acompanhando modelo conservador de Tyler(1949), dependendo muitas vezes da ação proposta na escola, e sua inclusão no projeto político pedagógico. Assim, apontamos alguns aspectos relevantes que podem contribuir com um repensar da prática docente, indicando outros caminhos a serem trilhados.

Na Perspectiva **Conservacionista e Reprodutivista**, a avaliação assume uma função de :

- **Eliminação e seleção:** quando o objetivo é simplesmente promover ou reter, seja através de uma atividade cognitiva, em sala de aula ou fora dela, como por exemplo o vestibular, conhecido por muitos que já experimentaram seus efeitos com sucesso ou não. Essa função da avaliação é amplamente utilizada para manter os índices e percentuais de reprovação nas séries iniciais, diminuindo com a progressão da séries, mas se fazendo presente num percentual baixo dos alunos que terminam o Ensino Médio.
- **Burocracia, certificação e classificação:** nessa função, a avaliação compromete-se mais com a questão de notas e conceitos, classificando o aluno: aprovado ou reprovado, com direito de ganhar o certificado ou não, conforme o resultado final. A avaliação constitui-se num modelo

- estático e frenador do processo de crescimento (Luckesi, 2005, p.35). O progresso do aluno quase fica sem evidência, pois, as notas e conceitos transformam-se nas médias que podem velar ao resultado real.
- **Disciplina e controle:** segundo Vasconcellos, (2005, p.49),

a avaliação acaba desempenhando na prática um papel mais político que pedagógico, ou seja, não é usada como recurso metodológico de reorientação do processo de ensino –aprendizagem, mas, sim como instrumento de poder, **de controle**, tanto por parte do sistema social, como pela escola, pelo professor, quanto pelos próprios pais.

Luckesi, (2005), aponta como função da avaliação, “ **o papel disciplinador**”, a qual decorre quando o professor no uso de seu poder, representando o sistema, classifica e ajusta os alunos dentro das normas sociais, já determinadas. Exige dos alunos comportamento ajustado a uma postura conservacionista, atendendo a essas condutas definidas socialmente.

A função de controle, é conhecida desde a época de Tyler, e mesmo criticada, ainda é praticada tanto nas escolas como a nível de sistemas.

Na Perspectiva Transformadora

Nessa concepção, a avaliação, assume dois tipos de função: uma diagnóstica e a outra formativa.

Na **função diagnóstica**: a avaliação deverá estar comprometida com a transformação da sociedade e não com a sua conservação, onde o parâmetro utilizado é o aluno com ele mesmo e não com outros ou a turma. Ela acompanha a ação pedagógica, podendo ser realizada antes como um referencial ao professor, indicando o nível do aluno, e durante, oportunizando ao professor visualizar progressos ou dificuldades, buscando alternativas para superação.

Luckesi (2005, p.43) coloca que

para não ser autoritária e conservadora, a avaliação terá de ser diagnóstica, ou seja, deverá ser o instrumento dialético do avanço, terá de ser o instrumento da identificação de novos rumos. Enfim, terá de ser o instrumento do reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem perseguidos.

Na **função formativa**: o importante é acompanhar a ação educativa, auxiliando professor e aluno a identificar conteúdos não apreendidos, buscando alternativas de avanços.

Zabala (1998, p. 200), prefere chamar de “avaliação reguladora” e não formativa como outros autores, apontando que as atividades desenvolvidas serão de acordo com as necessidades de cada aluno, adequando-se com as diversas variáveis.

Para ele, “o conhecimento de como o aluno aprende ao longo do processo de ensino/aprendizagem, para se adaptar às novas necessidades que se colocam, é o que podemos denominar **avaliação reguladora**.”

Essa avaliação deve ser freqüente no decorrer do processo educativo, oportunizando uma tomada de decisão constante, onde se verifica a necessidade de mudar ou continuar com as estratégias já desenvolvidas.

Dentro da perspectiva da avaliação formativa, uma nova concepção na avaliação da aprendizagem vem sendo discutida, com respeito aos erros verificados. Trata-se da **função de correção**, (Afonso, 1999) onde visa levar o próprio aluno a analisar o que errou e corrigir, através da ajuda do professor. Esse modelo contribui para o desenvolvimento das habilidades necessárias para investigar, criticar e se auto-criticar, estimulando o aluno a aprender sozinho, aproveitando a correção do erro como estímulo para a autonomia do aluno

Atualmente uma outra tendência vem se configurando no cenário da avaliação, a chamada **avaliação de competências**, de difícil compreensão tanto pelos professores como na forma de aplicação na ação escolar. Juntando-se a esses fatores, também a questão de que o objetivo desta tendência seja a transformação das qualidades dos profissionais em capacidades dirigidas as metas produtivas.

Segundo Araújo (1999), esse tema é complexo e difícil de ser aplicado nas escolas, uma vez que se pauta nas competências, de acordo com informações obtidas na sua tese de doutorado, onde aborda a questão da competência. Conforme esse autor:

Exige-se mais, cobra-se das escolas a sua adaptação á lógica das competências que desvaloriza o saber, tornando-o instrumental, valorizando uma “pedagogia por objetivos” ou por “projetos” que se baseia no “ser capaz de “. As competências não têm a escola, apenas, como lócus de formação. As empresas são chamadas de “organizações qualificantes”, pois assumem o papel de formar e transformar as competências profissionais. Como é em uma situação dada, concreta, que as competências se colocam e se formam, as empresas parecem querer assumir o papel de legitimar formadoras da classe trabalhadora. Uma estratégia de formação voltada para atender a lógica das competências assume a forma de

“ pedagogia da alternância”, que se caracteriza pela formação dual: parte teórica e parte prática, parte no “local de estudo” e parte no “local de trabalho”, que se confundem.

Apesar das críticas por parte de autores e professores, também o Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, faz ressalvas em relação a esta avaliação por competências, com relação as dificuldades sentidas nas escolas para executar esta nova proposta, ela continua a expandir-se , instalando-se no cenário educativo, agregando junto a avaliação como peça chave do processo ensino-aprendizagem.

Mesmo pesando críticas de educadores com relação as dificuldades para a implementação desta proposta nas escolas, ela vem acentuando-se no cenário educacional, e conseqüentemente, a avaliação como parte integrante do processo ensino-aprendizagem.



Você certamente já ouviu alguém comentar que uma pessoa é competente pela sua capacidade de realizar certa atividade? Muitas vezes esse olhar de considerar ou não uma pessoa competente, depende de quem está observando esse trabalho e que tipos de critérios estabeleceu, ocorrendo freqüentemente no nosso cotidiano. Como exemplo podemos citar uma pessoa que é vista como competente em determinada área, e em outra, incompetente, ou seja pode se sair bem nas artes e numa atividade matemática, não. Deste modo, o sentido da competência, remete ao senso comum, presumindo ser a forma como a pessoa executa determinada tarefa, domina os instrumentos e conhecimentos utilizados neste processo.

- Conversando com o grupo, releia o texto acima e discuta sobre esse tipo de avaliação e sua presença no cotidiano escolar, bem como outros tipos de avaliação na perspectiva transformadora. Justifique.
- Relendo o resumo, registre uma apreciação crítica, destacando os aspectos julgados mais significativos e que contribuem para mudanças na sua prática avaliativa cotidiana e nas suas concepções sobre avaliação.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. M. L. de . Qualificação e competência- Trabalho de doutorado, página da internet: <http://www.fae.ufmg.br//gttedebat/discuss/00000009.htm>.

DIAS SOBRINHO, J. **Avaliação:** políticas educacionais e reformas da educação superior. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HOFFMANN, J. **Avaliação:** mito & desafio. Uma perspectiva construcionista. Por to Alegre: Educação e Realidade, 1995.

_____. **Avaliação mediadora:** uma prática em construção da pré escola à universidade. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1994.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem:** estudos e proposições. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, T. Al. de. et al. Avaliação institucional. **Cadernos temáticos:** avaliação institucional. Curitiba: SEED- Pr., 2004.

PARANÁ,. **Avaliação institucional da educação básica no Paraná:** processo de auto-avaliação – escola/Paraná. Secretaria de Estado da Educação .Superintendência de Educação. Coordenação de Estudos e Pesquisas Educacionais. Curitiba: SEED – Pr., 2005.

VASCONCELLOS, C. S. dos. **Avaliação:** concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar. 15 ed. São Paulo: Libertad, 2005.

ZABALA, A. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: ArtMed, 1998.



Para saber mais...

HOFFMANN, J. **Avaliação:** mito & desafio: uma perspectiva construcionista. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1995.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola:** teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001.

PENNA FIRME, T. **Avaliação:** resposta, responsabilidade, integração. In Brasil/MEC-SESU. Educação superior e educação básica. Brasília: MEC; Uberlândia: UFU, 1988.

Tema 2 **Um novo olhar sobre a avaliação institucional**

“As mudanças são possíveis, só necessita-se é da vontade de mudar”.

(MENDES, 1994, p.9)

A partir do tema proposto, vamos iniciar um estudo sobre a avaliação institucional, sua importância e contribuição no processo ensino-aprendizagem. É essencial a sua participação ativa, analisando e avaliando o seu local de trabalho e a sua ação pedagógica, buscando nos textos aqui apresentados e nas discussões propostas, sugestões e estratégias metodológicas que oportunizem crescimento e melhorias .

A avaliação institucional aqui comentada, refere-se à instituída pela Secretaria Estadual de Educação do Paraná(SEED-PR), com o objetivo de diagnosticar a realidade educacional paranaense, oportunizando uma reflexão coletiva, auxiliando a todos a somarem esforços para que realmente se efetive um maior compromisso com o trabalho na escola e com o processo ensino-aprendizagem dos alunos.

É um instrumento modelo para todos os estabelecimentos de ensino do Estado do Paraná, por duas razões principais, que visam: a efetividade do processo ensino-aprendizagem e a necessidade de se manter a visão de totalidade, estabelecendo assim, uma diretriz para as políticas educacionais.

Através deste processo busca-se “olhar” a escola internamente, mobilizando a todos para refletirem suas ações e intenções, produzindo no coletivo um novo fazer pedagógico, possibilitando uma forma de gestão democrática, comprometida com a construção da cidadania e da transformação social.

Muito tem-se falado acerca da necessidade de melhoria da qualidade do ensino na escola pública, e não há como pensar em avanços sem um olhar avaliativo sobre a instituição responsável pela concretização do processo ensino-aprendizagem. Em se tratando do processo ensino-aprendizagem, há que se considerar as diversas dimensões que nele interferem: Órgãos Colegiados de Gestão, Profissionais da Educação, Condições Físicas e Materiais, Prática Pedagógica, Ambiente Educativo, acompanhamento e Avaliação do Desenvolvimento Educacional. Portanto, o foco da avaliação que antes estava centrado apenas no rendimento educacional, passa a ser ampliado para uma visão global do “fazer escolar.” (CADERNOS PEDAGÓGICOS/SEED, 2005, p.2)

A construção da avaliação institucional deve envolver todo o coletivo escolar, captando qualidades e fragilidades das instituições e do sistema, embasando as políticas educacionais comprometidas com a transformação social e o aprimoramento da gestão escolar e da educação pública oferecida na Rede Estadual, legitimando de fato esse processo, através desta participação coletiva tanto no planejamento como na execução da proposta, estando atrelada ao projeto político pedagógico consolidado na escola.

A avaliação era mais conhecida nas atividades e práticas escolares, e, especificamente dentro da sala de aula, em relação à aprendizagem dos alunos. Por conta desta nova era da sociedade moderna e da globalização das relações educacionais e econômicas, a avaliação, começou a destacar-se não só referente ao ensino-aprendizagem, mas, de forma mais ampla, abrangendo os sistemas de ensino, sua estrutura e o próprio coletivo das escolas. (LIBÂNEO, 2001, p.199.)

O grande avanço das informações por meio da globalização e altas tecnologias, fazem com que os investimentos tornem-se diretriz deste avanço, exigindo um planejamento educacional com políticas eficientes que atendam as demandas de mercado, conforme a produção e consumo. Assim, é importante que tenhamos claro a diferença entre a avaliação escolar, realizada dentro da sala de aula e a avaliação dos sistemas educacionais e conjunto das escolas.

Conforme Casassus, (1997), afirma que embora sejam os alunos a responderem provas e questionários, na realidade não são eles os avaliados e sim o sistema por meio de suas respostas. E os estudos deveriam voltar-se então ao sistema no qual esses alunos estão inseridos e não aos alunos.

Nos deparamos hoje, com diversas formas de avaliação. Na avaliação dos sistemas, objetiva-se, ter uma visão abrangente de toda a rede escolar, seja a nível nacional ou regional, buscando-se redirecionar as políticas educacionais, como as escolas e o sistema são geridos.

Na avaliação realizada pelos professores em sala de aula, além de avaliarem a aprendizagem de seus alunos, também são avaliados por eles, através do trabalho realizado em sala. E as duas formas de avaliação estão articuladas entre si, de modo que os resultados da avaliação de sistema feita a nível nacional ou regional pode ser utilizada pelo professor e pela escola para redirecionar seu trabalho, bem como, os sistemas também utilizam-no para redirecionar planejamento, implementando novas políticas de ensino., considerando o contexto de cada realidade escolar e das várias regiões.

Para Libâneo(2001), a avaliação do sistema escolar e das escolas, através da avaliação externa e/ou interna das instituições, se desdobra em duas modalidades: a avaliação institucional (ou administrativa ou ainda, organizacional) e a avaliação acadêmica ou científica (denominada no Brasil de Exame Nacional ou avaliação de resultados).

A avaliação institucional é da responsabilidade dos setores organizacionais e gestão dos sistemas de ensino. Visa coletar dados quantitativos e qualitativos do coletivo escolar: alunos, professores, a estrutura organizacional, os recursos físicos e materiais, as práticas de gestão, a produtividade do ensino, visando exprimir parecer valorativo sobre a instituição e seu desenvolvimento. Já a avaliação acadêmica, ou científica, objetiva dados quantitativos da aprendizagem através do acompanhamento das políticas da rede escolar e das escolas, preocupando-se em estabelecer índices qualitativos do processo educativo.

A avaliação institucional, compreendida como um processo permanente, deverá assumir características peculiares, conforme o contexto real, definindo também o tipo de avaliação contemplada no projeto político pedagógico da escola. A partir desta realidade é que o planejamento da avaliação institucional vai sendo elaborado, considerando a finalidade, os propósitos da escola, a reflexão e tomada de decisão coletiva, responsabilizando a comunidade escolar com os rumos a serem tomados na escola.

Segundo Gadotti(200, p.195)

A avaliação institucional não mais é vista como um instrumento de controle burocrático e centralizador, em conflito com a autonomia. Ela está sendo institucionalizada como um processo necessário da administração do ensino, como condição para a melhoria do ensino e da pesquisa e como exigência da democratização. Mesmo assim, ela encontra resistências e não se constitui numa prática constante. Por isso, deve ser mais instituída até tornar-se uma demanda explícita das escolas.

No Paraná foi implantado o Programa de Avaliação Institucional da Educação Básica, no período de 2004-2006, abrindo-se espaços para discussões e debates para a construção desse Programa de forma coletiva, buscando um referencial teórico consistente, através de oficinas regionalizadas, envolvendo a todos os profissionais da Educação Básica na rede Pública Estadual. As primeiras atividades iniciaram em abril de 2004, envolvendo a SEED e seus dirigentes, a FUNDEPAR, Núcleos Regionais de Educação e chefias, para uma discussão da proposta de Avaliação Institucional e sua concepção, portanto:

...a avaliação institucional começa muito antes que esteja pronto o seu desenho, que estejam elaborados os seus instrumentos e se levantem os primeiros dados da realidade a ser avaliada. Ela principia pela decisão da instituição, não importa que no começo seja somente através de um grupo pequeno, em geral da administração superior (...) o mais importante é que aos poucos uma parcela considerável da comunidade(...) assumam esse empreendimento como essencial à melhoria da instituição (DIAS SOBRINHO, Apud CADERNOS PEDAGÓGICOS/SEED, 2005, p.11) .

A organização do processo de Auto-Avaliação Institucional nos estabelecimentos de ensino público no Paraná seguiu as orientações encaminhadas pela Secretaria Estadual de Educação (Seed).

- A coordenação do processo de Avaliação Institucional na escola ficou na responsabilidade do **Interlocutor** (Pedagogo). O qual presidiu a **Comissão de Avaliação Institucional**, organizando os grupos, agendando as reuniões e providenciando o material necessário para a realização do processo;
- Organizou-se grupos com no mínimo dez e no máximo doze pessoas para a discussão e o preenchimento do Instrumento de Auto-Avaliação Institucional; Os grupos foram compostos por representantes de cada segmento da comunidade escolar: professores, (professores e pedagogos), direção, funcionários, alunos e pais;
- Cada grupo elegeu um **Relator**, o qual integrou a **Comissão de Avaliação**, cabendo ao relator a orientação no grupo das discussões e leituras, assim como, o preenchimento do Instrumento de Auto-Avaliação Institucional de cada grupo.
- Após o preenchimento do Instrumento, o Relator encaminhou-o ao Interlocutor da Auto-Avaliação Institucional, o qual juntamente com a Comissão de Avaliação Institucional elaborou as planilhas de Sistematização dos Resultados.
- Com os dados do resultado geral, foi elaborado um Plano de Trabalho, com a aprovação dos participantes da assembléia, sendo fixado nos murais e locais de fácil acesso a todos.

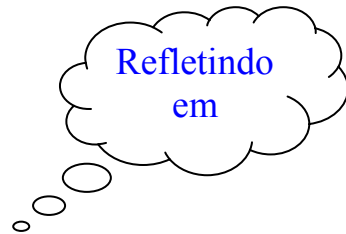
- Foi encaminhado ao NRE: a Planilha Visão Geral da Escola, o Relatório(somente a parte e sugestões para o NRE e Sede) e o Parecer.

O Instrumento de Auto-Avaliação foi organizado em seis dimensões que subdividiram-se em itens que foram avaliados com uma escala de 1(um) a 5(cinco), sendo:

- 1: Discordo totalmente
- 2: Discordo parcialmente
- 3: Não concordo e nem discordo
- 4: Concordo parcialmente
- 5: Concordo totalmente

Em cada dimensão, foram marcados os destaques e as fragilidades apontadas, sendo previstas as ações para superação das dificuldades apresentadas e as sugestões encaminhadas ao NRE e à Sede, que contribuíssem para melhoria e avanço da qualidade de ensino da escola.

2.1. A avaliação institucional e seus indicadores



Você certamente já ouviu alguém falar da qualidade de uma escola ser boa ou não, não é mesmo? É comum a gente ouvir que o ensino público no Brasil, não é de boa qualidade. Fala-se muito na qualidade, mas, o que é ser de boa qualidade ou não?

Uma escola de cem anos, considerada de qualidade, para os dias atuais, será que ainda conservaria essa qualidade?

Uma escola boa para a área rural seria boa para a área urbana?

Ao refletirmos sobre o que é uma escola de qualidade, podemos perceber que muitas idéias compartilharíamos com outras pessoas, concordando com o fato de que uma escola boa realmente, é aquela onde todos os alunos aprendem a ler e escrever, resolver situações-problemas, conviver com colegas, respeitando a todos e as normas estabelecidas, cooperar, ser solidário, trabalhar em grupo, enfim, aprendem o que é importante para a sua vida.

Conforme a realidade e contexto local, a própria comunidade escolar estabelece a qualidade da escola, sem haver uma receita ou padrão para uma escola de qualidade.

O termo qualidade, segundo consta no dicionário (Bueno, 2000, p.521), é característico de uma coisa; modo de ser; disposição moral; predicado; nobreza; é um conceito dinâmico, que se reconstrói a todo instante. Cada escola busca melhorar a qualidade de seu ensino, tendo autonomia para rever ações,

em função desta qualidade .

Assim, foram criados alguns Indicadores da Qualidade na Educação, (Caderno Inep/Ação Educativa, 2004) para auxiliar a comunidade escolar a avaliar e melhorar a qualidade da escola, sendo este seu objetivo central.

Entender os pontos fragilizados e os de destaques da escola, é fundamental para que se possa intervir, estabelecendo prioridades de acordo com as necessidades e critérios elaborados, visando uma melhoria significativa desta qualidade.

Desta forma, são apresentados sete elementos – chamados de dimensões – os quais foram considerados no Instrumento de Auto-Avaliação, realizados nas escolas, que serviram de base para a reflexão sobre a sua qualidade (SEED, 2005).

Aqui, apresentamos também alguns sinalizadores de qualidade, criados para avaliar essas dimensões, destacando características essenciais do contexto escolar: os indicadores.

Os indicadores (sinais) denunciam alguns pontos de dado contexto qualificando –o ou não. Exemplificando: quando alguém está enfermo, apresenta alguns indicadores : dor, febre desânimo, fraqueza. Em relação à escola, esses sinais, que são os indicadores, mostram a sua qualidade, destacando elementos fundamentais de sua realidade: as dimensões.

Segundo o INEP(2005, p .7)

Com um bom conjunto de indicadores, tem-se de forma simples e acessível, um quadro de sinais que possibilita identificar o que vai bem e o que vai mal na escola, de forma que todos tomem conhecimento e tenham condições de discutir e decidir as prioridades de ação para melhorá-lo. Vale lembrar que esta luta é de responsabilidade de toda a comunidade escolar: pais,mães, professores,, diretores, alunos, funcionários, conselheiros, tutelares, de educação, dos direitos da criança, ONGs, órgãos públicos, universidades, enfim,, toda pessoa ou instituição que se relaciona coma escola e se mobiliza por sua qualidade.



- Conforme a realidade da escola onde atua, repense que indicadores de qualidade, considera pertinentes serem apontados na avaliação institucional .
- Analisando a sua prática pedagógica , destaque alguns indicadores que se mostram importantes para um trabalho de qualidade.
- Converse com seus colegas sobre o texto apresentado e listem abaixo alguns indicadores que consideram essenciais na prática cotidiana da escola onde atuam.

2.2 Indicadores da qualidade na educação

O instrumento de Auto-Avaliação elaborado pela SEED, utilizado para preenchimento, foram elaborados com base nos elementos da qualidade da escola, sendo seis as dimensões indicadas:

1. Órgãos Colegiados de Gestão;
2. Profissionais da Educação;
3. Condições Físicas e Materiais;
4. Prática Pedagógica;
5. Ambiente Educativo e
6. Acompanhamento e Avaliação dos Índices Educacionais.

Essas dimensões constituem-se em um grupo de indicadores, os quais são analisados e avaliados através de perguntas respondidas no coletivo. De acordo com as respostas, é que pode-se avaliar a qualidade da escola, conforme aquele indicador, mostrando a situação da escola: boa, média ou ruim, também avalia-se a dimensão por meio destes indicadores, de acordo com os resultados obtidos pelo INEP(2005).

Dimensão 1: Órgãos Colegiados de Gestão

Esta dimensão analisa o trabalho articulado do diretor com o Conselho escolar, o Conselho de Classe, a APMF e o Grêmio Estudantil, considerando o enfoque de gestão democrática.

Numa gestão escolar democrática de fato, alguns aspectos são reveladores, como a tomada de decisões compartilhadas, a apreensão com a qualidade do ensino oferecido e a relação custo-benefício, clareza nas informações dos recursos aplicados, fixadas nos locais públicos de fácil acesso a todos.

O envolvimento dos pais, alunos, professores, funcionários, comunidade, nas representações importantes, participando não só nas reuniões de conselhos, mas, também nas demais reuniões pedagógicas, festas, exposições culturais, feiras e apresentações feitas pelos alunos. Democracia também se aprende na escola, e todos devem participar, tendo direito a se expressar, emitir sua opinião, colocar o que é melhor para cada segmento, a organização de grupos como o próprio grêmio estudantil (INEP, 2005).



Atividades:

1. Vamos refletir sobre as questões propostas, analisando os órgãos colegiados de escola?
2. Registrar as análises.
3. Apresentá-las ao grande grupo.

Para refletir
em grupo...

*Há uma participação efetiva dos alunos, pais e comunidade na escola onde atuam?

*Existe grupos que participam das atividades e tomadas de decisões na escola, como o grêmio estudantil?

*Os pais participam das atividades na escola? De que forma acontece essa participação e em que momentos

*Como o grupo analisa o trabalho realizado pela escola com a comunidade escolar em relação às atividades e projetos desenvolvidos, ao projeto político pedagógico, associações, parcerias e recursos recebidos?



Registrando abaixo...

Dimensão 2: Profissionais da Educação

Nesta dimensão, contempla-se questões relativas aos profissionais da escola, considerando seu papel/compromisso e responsabilidade profissional em relação ao seu próprio trabalho e em relação à instituição da qual faz parte; as condições de trabalho justas e dignas; formação continuada e respeito aos direitos humanos e trabalhistas (SEED, 2005).

Na escola, todos os profissionais são importantes e têm um papel essencial no processo de ensinagem, onde o resultado obtido depende de variáveis que vão além da sala de aula, transparecendo no cotidiano escolar, servindo de interferentes, como por exemplo: as atitudes, o comportamento, os gestos e a comunicação. Como a responsabilidade e o compromisso são de grande monta, requisitam que os profissionais estejam preparados, equilibrados e tenham boas condições de trabalho.

Desta forma, é imprescindível que se oportunize a formação continuada, garantindo-a, bem como, outras necessidades dos profissionais da escola, como as próprias condições de trabalho, estabilidade, número de alunos por turma, salários, avanços, valorização do profissional, reconhecendo sua importância no contexto educacional.

Para Candau (1996, p.146) “[...] Todo processo de formação tem que ter como referência fundamental o saber docente, o reconhecimento e a valorização do saber docente”.

Analisada dentro desta perspectiva, é que a formação continuada, procura outros rumos de desenvolvimento, refletindo acerca dos problemas educacionais e

da prática pedagógica num movimento de construção e reconstrução permanente da ação docente.

A formação continuada deve ser oportunizada e garantida a todos os profissionais da educação, como forma de promover um melhor desenvolvimento na qualidade, eficiência e eficácia do processo educativo.



Atividades:

1. Na dimensão 2, sobre os profissionais da educação, que comentários você apresenta em relação à realidade escolar onde atua?
2. Registre as análises.
3. Apresente-as ao grande grupo.



- Os professores e demais funcionários da sua escola têm a habilitação necessária para a função que exercem?
- A escola oferece oportunidades de atualização e participação em cursos e atividades de formação?
- Os professores e equipe pedagógica sempre se reúnem para discussão dos planos de aula, proposta pedagógica e avaliação da prática (reuniões pedagógicas)?

Dimensão 3: Condições Físicas e Materiais

Na escola, as condições concretas de trabalho, a estrutura física, os recursos financeiros e materiais são analisados a partir de um olhar pedagógico. Pedagógico no sentido de que estas condições são elementos que contribuem para a efetivação do processo educativo e, portanto, estão subordinadas ao pedagógico.

É importante que o ambiente físico escolar de qualidade seja um espaço educativo organizado, com estrutura adequada, limpa, arejada, agradável, haja o cuidado com a vegetação, móveis, equipamentos e materiais didáticos adequados utilizados no trabalho escolar, atendendo à realidade da escola, recursos que permitam boa prestação de serviços aos pais, alunos e comunidade, além de boas condições de trabalho a todos os profissionais que nela atuam. Para que isso se efetive, é importante estar alerta para:

- Que os recursos recebidos sejam aplicados de forma adequada, conforme as necessidades, sem desperdício;
- A boa estrutura e organização que facilitem uma boa convivência entre todos, contemplando-se também boas condições para a efetivação do processo ensino-aprendizagem;
- Que os recursos recebidos sejam de qualidade, conforme as necessidades da escola.

Também são considerados nesta dimensão, alguns itens importantes para sua avaliação : 1. Suficiência: materiais, espaço e equipamentos.

2. Qualidade: material adequado ao trabalho pedagógico, condições de uso, conservação, organização.

3. Bom aproveitamento: uso e valorização de tudo que tem na escola.



Atividades:

1. Analise as condições físicas e materiais apresentadas na dimensão 3, comparando com a escola onde atua.
2. Registrar as análises.
3. Apresentá-las ao grande grupo.



- Como o grupo observa as questões abordadas nesta dimensão em relação à escola onde atuam?
- Dos itens considerados no texto, qual ou quais o grupo destaca como mais importante para o bom funcionamento da escola? Por quê?
- Que sugestões o grupo apresenta para melhoria das condições físicas e materiais da escola onde atuam?

Dimensão 4: Prática Pedagógica

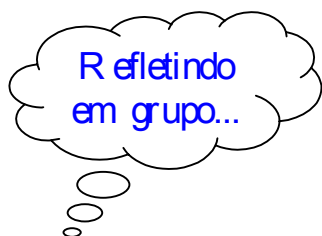
Refletindo sobre a Prática pedagógica, o que se pode perceber, é que não basta ter na escola profissionais que conheçam bem a sua área de atuação, mas, sim que haja uma grande e profunda articulação entre o conhecimento que dominam e a realidade escolar que se apresenta, considerando-se os aspectos socioeconômicos e políticos da atualidade.

Também é fundamental que apresentem uma prática compromissada com o processo educativo, efetivando-o com qualidade, subsidiado dentro de uma gestão democrática.



Atividades:

1. Analise as condições físicas e materiais apresentadas na dimensão 3, comparando com a escola onde atua.
2. Registrar as análises.
3. Apresentá-las ao grande grupo.



- Conversando sobre o planejamento, ele é realizado pelo grupo na escola onde atuam?
- As atividades planejadas contemplam as necessidades e realidade da escola, dos alunos e seu entorno?
- Que recursos são utilizados em sala de aula? De que forma os alunos demonstram suas aprendizagens e produções?
- As aulas são organizadas de forma que os alunos possam participar, questionar, os assuntos trabalhados?
- Há incentivo para que os alunos participem das aulas, desenvolvam trabalhos em grupos, realizem pesquisas e experiências?
- No cotidiano escolar há o respeito pelas diferenças individuais, considerando-se o tempo e o ritmo que cada aluno precisa para aprender?
- Há preocupação com a aprendizagem de todos os alunos?
- Que sugestões o grupo apresenta para melhoria da prática pedagógica, abordada nesta dimensão?

Dimensão 5: Ambiente Educativo

É no espaço escolar que se realiza o entrelaçamento da diversidade e da pluralidade cultural com o processo ensino-aprendizagem, concretizando-se no desenvolvimento global do aluno, na sua formação humana, por meio das vivências e convivências, dos valores, das brincadeiras cotidianas.

Neste ambiente educativo, a responsabilidade com a aprendizagem e o desenvolvimento de valores fundamentais como o respeito, a ética, a justiça, a solidariedade e a amizade devem ser ações diárias, buscando solidificar a idéia de uma cidadania plena, onde todos conheçam seus direitos e seus deveres, sabendo agir conscientemente.



Atividades:

1. Refletindo sobre as questões apresentadas, analise como é o ambiente educativo da escola e sua importância.
2. Registrar as análises.
3. Apresentá-las ao grande grupo.

Refletindo
em grupo...

- Na sua escola existe um ambiente harmonioso, facilitador da amizade, solidariedade e outros valores entre todos?
- Quando alguém está com alguma dificuldade é atendido e amparado pela equipe escolar?
- Percebe-se que todos gostam de trabalhar neste ambiente, há alegria, e respeito entre todos?
- Todos são tratados de forma igual, sem preconceitos, privilégios ou discriminação?
- A escola estabelece normas para seu bom funcionamento? De que forma?



Registrando abaixo...



Atividades:

1. Em relação ao acompanhamento e avaliação do desenvolvimento educacional, analise a prática na escola, refletindo acerca das questões apresentadas.
2. Registrar as análises.
3. Apresentá-las ao grande grupo.



- Na sua escola, como é feito o acompanhamento do processo ensino-aprendizagem?
- Quais os instrumentos utilizados para verificar se houve aprendizagem ou não?
- As formas de avaliação são conhecidas pelos alunos e pelos pais? Justifique.
- Há participação discente no planejamento e meios utilizados de avaliação?

REFERÊNCIAS

CANDAU, V. M. C. Formação continuada de professores: tendências atuais. In: REALI, A. M. M. R.; MIZUKAMI, M. G. N. (orgs). **Formação de professores: tendências atuais**. São CARLOS: EdUFSCar, 1996.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.

MENDES, G. M. S. **O desejo de conhecer e o conhecer do desejo: mitos de quem ensina e de quem aprende**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

OLIVEIRA, T. Al. de. et al. Avaliação institucional. **Cadernos Temáticos** avaliação institucional. Curitiba: SEED- Pr., 2004.

PARANÁ,. **Avaliação institucional da educação básica no Paraná: processo de auto-avaliação – escola/Paraná**. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Coordenação de Estudos e Pesquisas Educacionais. Curitiba: SEED – Pr., 2005.

PROVENZANO, M. E. & MOULIN, N. M. **Proposta pedagógica: avaliando a ação**. Brasília: Ministério da Saúde; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, 2000, 90p.:il - (Formação pedagógica em educação profissional na área de saúde: enfermagem; módulo 8)



Para saber mais...

BONAMINO, A .C. de. **Tempos de avaliação educacional:** o SAEB, seus agentes, referências e tendências. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.

DIAS SOBRINHO, J. **Avaliação:** políticas educacionais e reformas da Educação superior. São Paulo: Cortez, 2003.

INDICADORES DA QUALIDADE NA EDUCAÇÃO. **Ação educativa.** UNICEF, PNUD, Inep-MEC(coordenadores). – São Paulo: Ação Educativa, 2004.

Tema 3 **A avaliação institucional como instrumento de melhoria da prática pedagógica docente**

A elaboração do conhecimento exige o envolvimento pessoal, o tempo e o esforço dos alunos, assim como ajuda especializada, estímulo e afeto por parte dos professores e dos demais colegas. Ajuda pedagógica ao processo de crescimento e construção do aluno para incentivar os progressos que experimenta e superar os obstáculos que encontra.

(ZABALA, 1998, p.97)

Refletindo sobre a temática, percebemos que o processo ensino-aprendizagem requisita também que direcionemos nosso olhar para além da Avaliação institucional, invadindo aspectos que fazem parte da ação docente e discente, repensando de que forma estas ações estão sendo vistas e avaliadas dentro do contexto escolar.

Também nos remete a desafios que devem ser desvendados no uso dos vários instrumentos e técnicas avaliativas praticadas em sala de aula pelos professores. Buscando apresentar a sua importância dentro do conjunto dos meios avaliativos que podem ser utilizados em larga escala nas atividades escolares cotidianas.

Pois, como nos coloca Zabala (1998, p. 97) , para que o aluno possa efetivamente crescer construindo seu próprio conhecimento, precisa de ajuda de vários tipos: ajuda dos professores, dos colegas, equipe pedagógica, direção, funcionários, pais, comunidade e da sociedade como um todo, além de seu próprio esforço, atenção e carinho de todos.

Juntamente com todos esses tipos de intervenções, o acompanhamento deste processo faz-se necessário e essencial para que realmente seja detectado os avanços e dificuldades do aluno , apoiando-o e assistindo-o conforme as circunstâncias exigem. Assim, verificamos que pela diversidade encontrada nos alunos, não podemos limitar o atendimento dado a cada um, considerando suas diferenças e ritmo em cada atividade desenvolvida.

Procurando portanto, variar também as atividades avaliativas, explorando e diversificando os instrumentos e técnicas usadas na sala de aula, objetivando a promoção do aluno, o seu progresso e aprendizagem efetiva.



- Como o grupo avalia a prática desenvolvida em sala de aula?
- Participou de alguma avaliação na escola onde atuam?
- Na opinião do grupo, a avaliação docente deve ser feita por quem?

Justifique.

3.1 Repensar a avaliação da ação docente e da ação discente

Este estudo nos proporciona uma reflexão acerca da atividade docente e de como pode ser cada vez mais aperfeiçoada, melhorada, visando um desempenho mais eficiente e de qualidade, e sua interferência na ação discente.

A importância de estar sempre atualizado, buscando dominar conhecimentos, instrumentos e recursos diversos fazem com que a prática docente atinja seu objetivo maior: levar o aluno a aprender construindo seu próprio conhecimento.

Portanto, vamos a partir deste momento, debruçarmo-nos nas questões que envolvem tanto a atuação do professor como também do aluno e de que forma esta atuação repercute no ato educativo.

Avaliar a ação docente requisita considerar fatores como:

- *Conhecer os docentes em diferentes momentos;
- *Clima favorável : confiança, respeito
- *Busca pela melhoria no trabalho desenvolvido;
- *Critérios estabelecidos com clareza e junto com os envolvidos;
- *Focar compromisso ético e seriedade na obtenção dos dados verificados.
- *Relacionamento social e afetivo com os alunos (diálogo);
- *Meios avaliativos utilizados na aprendizagem.

É importante que os docentes tenham uma participação ativa desde o planejamento até a aplicação da avaliação deixando-se transparente critérios e objetivos visados pela escola neste processo.

Avaliar a ação docente não é tarefa fácil, pois requer acompanhamento constante tanto dentro como fora da sala de aula, além do diálogo e reflexão coletiva continuamente, junto aos avaliadores, como um dos pontos fundamentais para um desenvolvimento profissional eficiente e de qualidade, portanto, apesar de difícil, não deve ser descartada, mas tratada com respeito e importância merecida.

Withall (1949) coloca que em algumas instituições em especial americanas, utilizam-se de um instrumento de observação de situações de aprendizagens onde requerem a atuação professor-aluno em sala de aula, chamado de *Índice do clima sócio-emocional*, elaborado em sete etapas que são analisadas posteriormente, visando melhoria da ação docente: diálogo com os alunos e qualidade técnica e pessoal. Fazem parte deste *índice*: elogiar o aluno; favorecer relação de empatia; saber lidar com as situações problemas; adotar postura neutra; estabelecer relação diretiva; censurar o aluno; desenvolver uma relação de auto-reforço.

Também chama a atenção para a aplicação deste instrumento em escolas brasileiras, pois a realidade vivida aqui é bem diferente da realidade das escolas americanas, assim como, a formação dos docentes.

Na rede pública paranaense, é realizada a Avaliação de Desempenho do Professor do Quadro Próprio do Magistério, envolvendo: produtividade, participação, assiduidade e pontualidade, buscando melhorar o desempenho docente. Esse processo porém, tem-se contaminado pela vinculação do desempenho à melhoria de vencimentos.

Portanto, avaliar a ação docente continua ainda a ser um grande desafio em todos os níveis: tanto da escola, como do município, estado e do

país, pois, cabe a todas essas instâncias buscarem junto a esses profissionais estabelecer critérios e instrumentos que estejam contemplados nos respectivos projetos pedagógicos das escolas onde atuam, consolidando e efetivando-o de fato.

Uma temática que precisa ser trabalhada na escola é a avaliação da ação docente feita por alunos, apesar de complexa é importante e deve ser reconhecida. Para isso, há necessidade que haja um preparo de todos os envolvidos, oportunizando um clima harmonioso, de respeito e confiança, favorecendo essa avaliação, além do cuidado na escolha da forma mais adequada de se obter as informações almejadas.

Pois, seus resultados oferecem aos docentes elementos mais eficientes para melhoria do ensino. Apontamos abaixo como sugestão algumas perguntas contidas na avaliação da ação docente feita pelos alunos, compiladas de Lampert(1977, p.95-102) :

1. O professor tem senso de humor durante a aula?
2. Conduz a aula com entusiasmo?
3. É dedicado ao trabalho na sala de aula?
4. Estabelece um clima favorável à ocorrência da aprendizagem?
5. Relaciona-se bem com o grupo?
6. Respeita as diferenças individuais dos alunos?
7. Está aberto às críticas de seus pontos de vista?
8. Está atento às dificuldades dos alunos, animando-os a exporem?
9. É sensível às ansiedades, aos problemas e às alegrias dos alunos?
10. Toma, juntamente com os alunos, as decisões para as situações de ensino(o que, como e quando fazer)?

11. Propõe atividades para o aluno realizar em grupo?

12. Dá oportunidade ao aluno de compreender a realidade na qual está inserido?

13. Deixa claro para os alunos os critérios de avaliação?

14. Promove a interdisciplinaridade?

15. Proporciona ao aluno condições para relacionar o conteúdo da disciplina com as situações e os problemas da realidade?

Diante destas interrogações, percebemos sem sombra de dúvida a grande complexidade da tarefa docente, considerando todas essas atividades que precisa realizar e da melhor forma possível, uma vez que são importantes e fazem parte do seu compromisso ético, profissional, assumido a partir do momento que ingressou na docência.

Há também, além da avaliação realizada pela escola, e da avaliação realizada pelo aluno, a auto-avaliação, que o docente deve constantemente fazer, repensando sua prática, obtendo dados importantes que vão apontar outros caminhos, melhorando a qualidade do seu trabalho, realizando-o de forma mais eficiente.

Para tanto, como sugestão, citamos abaixo alguns indicadores que podem ser considerados na auto-avaliação docente, visando melhoria:

- ter o hábito do estudo contínuo;
- perceber a realidade, buscando meios diferentes e criativos de trabalhá-la;
- desenvolver trabalho e planejamento cooperativo com demais colegas;
- deixar-se observar por outros colegas em sala de aula para verificar pontos a melhorar, dialogando e debatendo sobre os mesmos.

Ao refletirmos sobre a avaliação da ação docente, não podemos deixar de incluir também um breve comentário sobre a avaliação da ação discente, pois, ambas fazem parte de um mesmo processo e apresentam uma gama infinita de situações.

Sendo o aluno o foco principal do processo ensino-aprendizagem, avaliar sua ação, seu desempenho, inclui rever a prática escolar em que se situa, de que forma a instituição estabelece seus critérios e que tipo de aluno deseja formar, definindo no seu projeto pedagógico, pois faz parte da avaliação institucional como um todo, não podendo ser tratada separadamente.

Assim, entende-se que alguns itens básicos devem ser observados nesta avaliação, como:

- a forma como domina os conteúdos e relação com a prática ;
- seu progresso e comportamento;
- comunicação e interação.

É importante que não se perca de vista o objetivo desta avaliação, que é verificar se o aluno está realmente tendo um bom desenvolvimento escolar, dominando os conteúdos trabalhados, desenvolvendo uma competência técnica e social.

É necessário que além do conhecimento o aluno seja levado a desenvolver essas habilidades técnicas do pensamento, precisa aprender a pensar, refletir, analisar, argumentar, criticar, entre outras. Fazendo com que desta forma, a avaliação seja direcionada além dos conteúdos e competências que deve dominar, também as habilidades do pensamento.

Ressaltamos a importância do professor utilizar diferentes instrumentos para avaliar a ação do aluno, analisando e interpretando seus resultados, auxiliando-o em suas dificuldades, redirecionando-o a outros rumos, tornando a avaliação significativa e realmente parte do processo ensino-aprendizagem, propulsora do progresso do aluno.



- Conversando com seus colegas, que posturas consideram mais adequada na ação docente? Justifiquem.
- Como o grupo avalia a ação educativa de cada um na escola onde atuam? Justifique.
- Que critérios consideram fundamentais na avaliação da ação docente? Justifiquem.
- A avaliação da ação docente, deve ser realizada pela instituição e pelos alunos? Sim ou não? Justifique.
- O grupo considera a auto-avaliação importante como um dos instrumentos da avaliação da ação docente? Justifique.
- Formule questões de uma auto-avaliação docente viável e de fácil aplicação.
- Como o grupo avalia a ação docente? Destaque pontos que considera fundamentais.

3.2 Instrumentos e técnicas de avaliação: teste, provas, entrevistas, relatórios, questionários, portfólio, casos de ensino

Até o momento temos refletido sobre as diferentes formas de pensarmos a avaliação, seu planejamento na escola, em sala de aula, em relação a ação docente e discente.

Daqui em diante, vamos pensar formas diferenciadas de realizar avaliação, apresentando alguns instrumentos e técnicas que cada um pode comparar com as que utiliza em sala de aula na avaliação de seus alunos. E, que após, essa comparação, busque redimensionar sua prática avaliativa, tendo novos procedimentos acerca de julgar, utilizando instrumentos e técnicas adequadas, dentro de perspectiva mais transformadora.

Esperamos que desta forma, o referencial aqui apresentado possa subsidiar o repensar de sua ação educativa, promovendo mudanças significativas, aperfeiçoando-a cada vez mais (PROVENZANO e MOULIN, 2000).

Ao planejarmos a avaliação precisamos ter como meta os critérios, padrões de julgamento, técnicas e instrumentos, procedimentos dos dados coletados e posteriormente a análise dos resultados, para que possamos então aplicar os instrumentos e técnicas adequadas na verificação do desempenho do aluno.

As técnicas utilizadas como estratégias na coleta de dados de quem ou o que é avaliado, podem ser de observação, entrevista, ou testagem, já os recursos são os instrumentos utilizados para obter esses dados através de teste, provas, entrevistas, relatórios.

O reconhecimento dos instrumentos e técnicas adequadas a serem utilizadas na avaliação é de fundamental importância, assegurando um processo avaliativo

eficiente e dentro dos objetivos propostos.

Vamos apresentar a seguir, de forma resumida algumas dessas técnicas e instrumentos adequados na obtenção das informações pertinentes á avaliação escolar:

OBSERVAÇÃO

Esta técnica é um importante procedimento que permite ao professor acompanhar o aluno em vários momentos, obtendo informações que podem ser observáveis nas suas habilidades cognitivas, psicomotoras, afetivas, utilizando também um roteiro e uma forma de registro desta observação.

QUESTIONÁRIO

O questionário tem o objetivo de coletar dados para servir de subsídio na tomada de decisão acerca do avaliado e o que se pretende após os resultados do mesmo. Dependendo do objetivo proposto com esta técnica, o questionário pode ser aberto, fechado ou misto.

ENTREVISTA

Na avaliação, esta técnica é utilizada para completar informações levantadas por de outras formas, é simples e direta, permitindo conhecer e auxiliar o aluno em seu aproveitamento escolar. Busca sempre atingir a um propósito: seja em relação as informações já conhecidas, verificar uma situação específica ou

esclarecer questões que provocaram algumas incertezas.

A entrevista apresenta-se de forma estruturada (roteiro) ou não estruturada (conversa orientada), individual ou em grupo, requisita também uma relação amigável entre o docente e o aluno, facilitando sua aplicação.

TESTE E PROVA

Estes instrumentos permitem verificar se o aluno aprendeu ou não. Podem se apresentar com duas finalidades: investigar se o aluno memorizou o que foi ensinado e identificar quais as dificuldades que demonstrou, buscando reorientá-lo para que supere e alcance melhores resultados.

RELATÓRIO

Como instrumento avaliativo pode ser utilizado pelo aluno em relação ao conteúdo trabalhado, ou pelo professor com a turma, reunindo dados já registrados, levando a uma reflexão das dificuldades encontradas e dos progressos alcançados, bem como as mudanças necessárias no processo educativo.

PORTFÓLIO


O portfólio é uma coleção dos trabalhos que um estudante realizou em um período de sua vida acadêmica, seja um semestre, um ano ou quatro anos. O Portfólio teve origem na área artística, usados por modelos, fotógrafos, artistas e outros

profissionais, em que demonstram seus sucessos, habilidades e talento em seu campo, assim como seu interesses e personalidade, com a diferença que estes portfólios são obras acabadas e os portfólios usados como instrumento de avaliação são obras em processo.

CASOS DE ENSINO

Segundo Mizukami(2000. p.152), os casos de ensino constituem “um retrato de uma situação problema enfrentada por um professor, uma variedade de abordagens possíveis que poderiam ter sido adotadas e algumas informações sobre como o problema foi resolvido”.

Ao avaliar o aluno, o professor pode e deve dispor de vários instrumentos e técnicas que considere adequados aos seus objetivos, incluindo os domínios afetivo e psicomotor, não só o cognitivo, pois, aqui citamos alguns exemplos , existem outros modelos que também podem e devem ser utilizados.



Refletindo
em grupo...

- Em sua prática avaliativa, que aspectos tem exigido mais de seus alunos: qualitativos ou quantitativos? Justifique.
- Quando vai elaborar as questões de uma prova ou teste, tem clareza da relação entre o nível de dificuldades e sua pontuação? Comente.
- Frente ao exposto até aqui, que comentários o grupo faz das técnicas e instrumentos diversos, em relação à prática cotidiana, que mudanças poderiam provocar em sua prática diária?

3.3 Construção de instrumentos de avaliação: estudo de caso

Ao avaliar o desempenho do aluno, é necessário que o professor construa ferramentas de medida e avaliação, com base em padrões definidos, considerando :

- o conteúdo trabalhado;
- tipo de questões;
- nível da turma em relação a complexidade(difícil/ fácil);
- linguagem (cotidiano);
- clareza nos enunciados(compreensão);
- número de questões;
- tempo e espaço adequados.

Para Hoffmann(2006, p.122), “essa questão é bastante complexa em educação, porque o professor é ao mesmo tempo, quem planeja e quem se utiliza do instrumento de avaliação elaborado. E, portanto, não evoluir em suas concepções, não irá reformulá-lo”.

De acordo com essa visão, o professor precisa ter clareza nos objetivos pretendidos com a avaliação, valendo-se de todas as formas possíveis de registros sobre o aluno, instrumentos e técnicas que o ajudem a verificar seu progresso e dificuldades , bem como os encaminhamentos a serem tomados .

Confrontando a avaliação que habitualmente se faz nas escolas, com a ideal, que seria de uma forma reflexiva, investigativa, objetivando mudar a ação educativa,

levando ao progresso e sucesso escolar, onde suas funções diagnóstica e formativa predominem, tornando o processo democrático(auto-avaliação), justo e participativo levando o aluno a desenvolver-se integralmente, conhecendo, suas dificuldades, analisando e buscando superá-las., percebemos o quanto ainda precisamos deixar os discursos de lado e empreender uma mudança radical no agir e pensar , enfrentando esses desafios que não são novos , mas, faltam serem desvendados e amplamente praticados na escola, exigindo também mudança na postura e metodologia adotada pelo professor e a instituição onde atua.

Ao abordarmos o “estudo de caso”, como um dos instrumentos que podem ser utilizados na avaliação, pensamos também como uma opção a mais, que pode ser trabalhado com os alunos ou na turma, contribuindo com o processo de ensino e aprendizagem.

O termo veio da área da Medicina e Psicologia, e segundo Becker(1999, p. 117), refere-se a “...uma análise detalhada de um caso individual que explica a dinâmica e a patologia de uma doença dada; o método supõe que se pode adquirir conhecimento do fenômeno adequadamente a partir da exploração intensa de um único caso”.

Na área educacional, o estudo de caso, tem amplo espaço para desenvolver-se, pois, pode ser aplicado em situações de exemplo para o entendimento de problemas citados ou em exposições relacionadas aos conteúdos estudados e a vivência real da prática cotidiana.

O estudo de caso para ser aplicado seja em forma de atividade ou como avaliação, deve ser cuidadosamente selecionado de acordo com a temática proposta e os objetivos desejados.

Por meio deste instrumento os alunos são levados desenvolverem capacidades e habilidades fundamentais , exercitando e estimulando a mente, tornando-se criativos e independentes.

O estudo de caso para ser aplicado seja em forma de atividade ou como avaliação, deve ser cuidadosamente selecionado de acordo com a temática proposta e os objetivos desejados.

Deve ser planejado, contemplando uma série de situações problemas, proporcionando identificação e análise por parte do aluno.

Como sugestão , apresentamos abaixo uma seqüência de ações que podem ser seguidas mediante um estudo de caso:

- 1. Identificação do Caso:** inclui a escolha do caso, descrição, apresentação, métodos e procedimentos técnicos necessários ao seu entendimento.
- 2. Referencial teórico:** buscar nas leituras de diversos autores a explicação e fundamentação para o caso (teoria-prática).
- 3. Análise do caso com base no material consultado:** confrontar as leituras realizadas com os dados do caso, buscando responder aos questionamentos lançados.
- 4. Síntese:** após analisar o caso, baseando-se nos dados coletados, deve (re)elaborá-lo, apontando outros rumos que levem á solução do mesmo(aplicação).

Finalizando...

As reflexões, as análises e os encaminhamentos decididos coletivamente , servem de setas que indicam outros rumos que também devem ser tomados. Significa o esforço coletivo dos profissionais que atuam no processo educativo da escola e esperam atingir o aluno, principal objetivo da educação, proporcionando-lhe um desenvolvimento integral, incluindo : valores, ética, respeito às diferenças, formação para a cidadania, meio ambiente, habilidades e competências.

O ato de avaliar faz parte do processo ensino-aprendizagem, e não pode ser tratado separadamente, portanto, precisamos estar atentos, pois muitas vezes torna-se uma armadilha para o aluno e não um suporte para seu progresso, tornando-se sem sentido, desviando-se da sua função.

Então, que posturas precisamos ter na avaliação? Como diz Hoffmann (1994), “ posturas de vida”!

REFERÊNCIAS

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover: as setas do caminho..** Porto Alegre:Mediação, 2001.

_____. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola á universidade.** Porto Alegre; Educação e Realidade, 1993.

MIZUKAMI, M. G. N. **Casos de ensino e aprendizagem profissional da docência.** In: ABRAMOWICZ, A.; MELLO, R.R. (orgs.) Educação: **pesquisas e práticas.** Campinas, SP : Papyrus, 2000.

PROVENZANO, M. E. & MOULIN, N. M. **Proposta pedagógica: avaliando a ação.** Brasília:Ministério da Saúde; Rio de Janeiro:Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública,2000, 90p.:il - (Formação pedagógica em educação profissional na área de saúde: enfermagem; módulo 8)

LAMPERT, E. **Avaliação do professor institucional universitário: pressupostos teóricos e conclusões.** Estudos em Avaliação Educacional. São Paulo, n.12, p.95-102, 1995.

ZABALA, A. A prática educativa: como ensinar.Porto Alegre: ArtMed, 1998.



Para saber mais...

ALENCAR, E. S. Como desenvolver o potencial criador: um guia para liberação da criatividade na sala de aula. Petrópolis: Vozes, 1997.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa . São Paulo: Paz e Terra, 2005.

LIBÂNEO, J. C. Didática.São Paulo: Cortez.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 17 ed.São Paulo: Cortez, 2005.

DICKMANN, M. L.& KAWAHARA, N Y. **Recursos avaliativos:** ajudando o aluno a participar do processo educativo como cidadão.In:Revista do Professor Porto Alegre: CPOEC, v.19, n.73, jan/mar.2003, p.23-25.

